

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2010

3

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 3
Setúbal 2010**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Joaquim Martins Gonçalves (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Amélia Pardal
Clara dos Santos
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
Graça Filipe
Isabel Vicente
Luís Ferreira
Miguel Correia
Rosa Bela Azevedo
Rosário Gil
Teresa Rosendo

Secretariado e correspondência



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luísa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

© - Direitos reservados pelos autores e MAEDS. Interdita a reprodução de imagens.

Capa

Moinho de Maré do Cais (Montijo). Foto da Câmara Municipal de Montijo.

Contracapa

Estela-menir II da Anta Grande do Zambujeiro, fotos de arquivo do MAEDS; placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, esc. 1:1, foto de Manuel Ribeiro.

Execução gráfica

Ana Paula Covas

Tratamento de imagens

Ana Castela

Impressão e acabamento

Depósito legal n.º

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Índice

Museus	7
Joaquina Soares <i>Museologia de escala regional. Breve reflexão a partir das rotinas do MAEDS</i>	9
Cíntia Mendes <i>Plano das Memórias do Concelho de Alcochete</i>	21
Carmen Carvalho <i>O Museu Mineiro do Lousal. Mina de Ciência - Centro Ciência Viva</i>	27
Maria Clara Santos <i>O moinho de maré de Alhos Vedros e a exposição temporária “O Ciclo do Pão”</i>	34
Micaela Casaca Sécio <i>O Moinho de maré do Cais. Experiência de uma musealização in situ</i>	43
Francisco Borba <i>O Museu de Setúbal e o seu fundador, João Botelho Moniz Borba</i>	49
Arqueologia	63
Françoise Mayet <i>Robert Etienne (1921 - 2009)</i>	65
Joaquina Soares <i>Dólmen da Pedra Branca. Datas radiométricas</i>	70
Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87</i>	83
Michelle Teixeira dos Santos <i>Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela</i>	130
Mário Varela Gomes <i>Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)</i>	137
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Licínia Nunes Correia Wrench <i>Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga</i>	149
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Ricardo Miguel Godinho <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12</i>	165
Outros Patrimónios	179
Carlos Beloto <i>Onde e como estão os mosaicos romanos em Portugal? Um olhar do lado da conservação</i>	181
Francisco Rasteiro, Soraia Matos, Marisa Loureiro, João Santos <i>Sistema do Frade</i>	197
Rosalina Carmona <i>Barreiros e Barreiro. Considerações em torno de um topónimo</i>	207
António Camarão <i>Alburrica - Mexilhoeiro. Um conjunto patrimonial</i>	215
Alexandre Arménio Tojal <i>Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega / Montijo</i>	221
Adelina Gomes Domingues <i>As artes de pesca em Sesimbra</i>	229
Ana Alcântara <i>A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854-1914)</i>	237
Carmen Carvalho e Purificação Pereira <i>Os lagares de azeite na vila de Grândola</i>	247
Carlos Mouro e Horácio Pena <i>Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)</i>	257
Gentil José Cesário <i>1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém</i>	279

Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela

MICHELLE TEIXEIRA SANTOS*

RESUMO

O presente artigo apresenta um conjunto inédito de espólio arqueológico proveniente do Moinho da Fonte do Sol (povoado calcolítico). Os materiais seleccionados integram a colecção arqueológica do Museu Municipal de Palmela.

ABSTRACT

The following article presents an unpublished set of archaeological artefacts from the Moinho da Fonte do Sol (Calcolithic settlement). The selected materials are part of the archaeological collection of Palmela's Local Museum.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objectivo principal apresentar um conjunto, pouco numeroso, mas significativo, de materiais arqueológicos do Moinho da Fonte do Sol, que integra as reservas da colecção arqueológica do Museu Municipal de Palmela. Nem sempre foi possível aferir o seu contexto integral, uma vez que as informações constantes nas etiquetas ou na documentação associada era muito sucinta, contendo nalguns dos casos apenas a indicação de topónimo e ano de recolha. Apesar destas limitações e de alguma hesitação, a relevância dos exemplares justifica a presente divulgação.

Os trabalhos de reorganização das reservas do museu, a preparação da candidatura à Rede Portuguesa de Museus, os trabalhos de prospecção para actualização da Carta Arqueológica de Palmela, associados à preparação da exposição monográfica “*Palmela Arqueológica. Espaços, Vivências, Poderes*”, proporcionaram um novo olhar sobre algum espólio ainda inédito do Museu, resultante de diferentes incorporações (mandato legal; doações), com especial destaque para as peças que compõem o acervo da Pré e Proto-História.

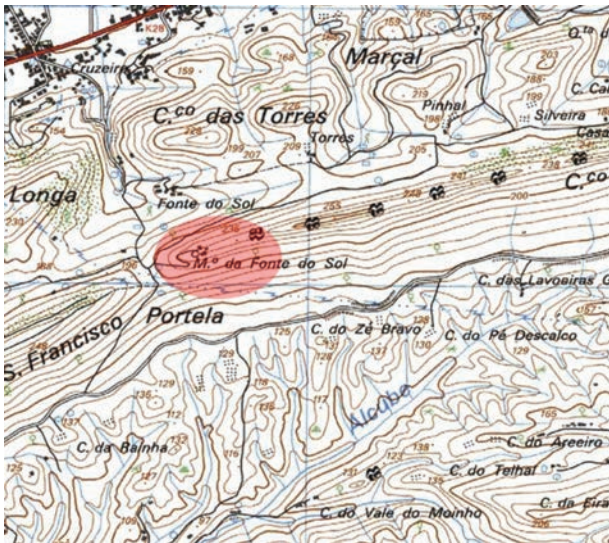
De futuro é nossa prioridade dar continuidade ao estudo e publicação destas colecções.

POVOADO DO MOINHO DA FONTE DO SOL

Identificado por Marques da Costa (Costa, 1906), localiza-se na vertente ocidental da plataforma da Serra das Torres Altas (Serra do Louro), a 254 m de altitude, na envolvente do local do Moinho da Fonte do Sol, com ampla visibilidade e domínio sobre a área adjacente. A Norte, a encosta revela-se de difícil acesso estruturando uma verdadeira defesa natural, com domínio visual para os extensos vales que abrem para a planície do Tejo. A Sul é limitado pelo vale de Alcube e pela Serra de São Luís, sendo que na vertente Este o acesso é dificultado por uma depressão um pouco escarpada que o separa da Serra do Louro, enquanto que a Ocidente é limitado pela Serra de São Francisco. Tanto o espaço habitacional como o território que explorava ficavam relativamente próximos de outros povoados, que chegaram a coexistir temporal e espacialmente, como o Alto de S. Francisco, Chibanos, Gaiteiros, Malhadas e a necrópole de Quinta do Anjo.

O povoado poderá ter sido ocupado durante o Neolítico Final, contudo os dados disponíveis são escassos e pouco seguros, tratando-se essencialmente de recolhas de superfície que forneceram algum espólio, enquadrável no Neolítico Final e Calcolítico. A. Marques da Costa descreve que encontrou “ (...) res-

* Arqueóloga. Museu Municipal de Palmela.



Figs. 1 e 2 - Moinho da Fonte do Sol. Localização na CMP (folha n.º 454, à esc. 1:25.000); imagem do povoado a partir de Oeste.

tos de construções feitas de pedras e terra e (...) diversos fragmentos de louça, alguns dos quais com ornamentação” (Costa, 1906). Joaquina Soares, em 1972, indica que durante os trabalhos de prospecção efectuados no local não foram identificadas estruturas defensivas, nem os vestígios estruturais referidos por Marques da Costa (Soares, Barbieri e Silva, 1972).

A presença de alguns cadinhos, com resíduos de cobre, comprovam a prática da metalurgia neste espaço habitacional, apontando algumas pistas sobre o modelo sócio-económico adoptado, que segue talvez uma dinâmica operacional, organizada e especializada na produção de instrumentos durante o período campaniforme, a julgar pela decoração que ornamenta alguns fragmentos de cadinhos. Análises efectuadas ao metal de um exemplar recolhido no povoado revelaram que o cobre (CU) é o elemento principal, acompanhado de Sn, Pb, As, Ni, Zn e Fe, não tendo sido detectado Sb (Soares, Barbieri e Silva, 1972).

A erosão das encostas constitui uma ameaça significativa para a preservação dos povoados que ocupam a crista da Serra do Louro, em especial o Moinho da Fonte do Sol.

DESCRIÇÃO DOS MATERIAIS

Cerâmica decorada por incisões e mamilo

Vaso esférico

- Fragmento de vaso esférico, com protuberância mamilar cilíndrica e arredondada na extremidade. Bordo sem espessamento com lábio boleado. A superfície externa apresenta tom castanho claro, com vestígios de alisa-

mento e a superfície interna tem cor castanha alaranjada. A pasta de cor castanha denuncia abundantes e.n.p., de grande calibre (quartzo e mica). Vestígios de decoração incisa na superfície externa. Diâmetro de bordo: 15 cm; esp. média: 0.9 cm. Inv.: M.F.S. 185 (Fig. 3:1).

Cerâmica campaniforme

Taças de bordo simples

- Fragmento de taça de bordo simples, sem espessamento, com lábio boleado. Superfícies alisadas, de cor castanha alaranjada. A pasta é de cor cinzenta, bem depurada com alguns e.n.p. de grão fino (quartzo e mica). Decoração com motivos decorativos finamente executados segundo a técnica do linear-pontilhado. Diâmetro de bordo: 23 cm; esp. média: 0.6 cm. Inv.: M.F.S. 20 (Fig.3:2).

- Fragmento de pequena taça de bordo liso, sem espessamento, com lábio boleado. Superfícies de textura homogénea, de cor castanha avermelhada, revestidas por fino engobe de cor castanha, com vestígios de polimento. A pasta é de cor negra, com os e.n.p. pouco visíveis e de grão fino, em quartzo. A peça apresenta alguns sinais de erosão. Decoração incisa. Diâmetro de bordo: 13 cm; esp. média: 0.5 cm. Inv.: M.F.S. 182 (Fig. 3:3).

Taças de bordo espessado e decorado (campaniforme Palmela)

- Fragmento de taça de bordo decorado, com espessamento interno e lábio aplanado. Superfície externa castanha avermelhada e superfície interna vermelha. Ambas as superfícies têm vestígios de polimento. A pasta apresenta tonalidade cinzenta, com e.n.p. abundantes, de grão fino (quartzo). Decoração com motivos executados com recurso à impressão de matriz, segundo a técnica linear-pontilhada. Diâmetro de bordo: 24 cm; esp. média: 1.9 cm. Inv.: M.F.S. 178 (Fig. 3:4).



Fig. 3 - Moinho da Fonte do Sol – Cerâmica decorada por incisões e mamilo (n.º 1) e cerâmica campaniforme (n.º 2 a 16).

- Fragmento de taça de bordo decorado. Bordo com espessamento interno de lábio aplanado, com decoração. Superfícies erodidas, com vestígios de polimento, de cor negra. Pasta da mesma cor, com abundantes e.n.p. de fino calibre (quartzo). Decoração incisa e pontilhada. Diâmetro de bordo: 17 cm; esp. média: 1.7 cm. Inv.: M.F.S. 181 (Fig. 3:5).

- Fragmento de grande taça de bordo decorado, com espessamento interno e lábio aplanado. Superfícies castanhas, alisadas. A pasta é de cor negra, com e.n.p. abundantes e grosseiros. Decoração incisa e linear-pontilhada. Diâmetro de bordo: 32 cm; esp. média: 2.0 cm. Inv.: M.F.S. 25 (Fig. 3:6).

- Fragmento de taça de bordo decorado. Bordo com espessamento interno de lábio aplanado, com decoração (muito erodido). Superfície externa de cor castanha, alisada. Superfície interna vermelha. Pasta com e.n.p. abundantes e grosseiros (quartzo). Decoração: incisa. Diâmetro de bordo: 19 cm; esp. média: 1.5 cm. Inv.: M.F.S. 180 (Fig. 3:7).

Caçoilas

- Fragmento de caçoila de bordo simples e lábio boleado. Superfícies polidas, de cor castanha pouco homogênea, oscilando entre o castanho claro e o castanho amarelado. Pasta de cor negra, com e.n.p. pouco visíveis, com abundantes grãos de quartzo e raríssimos grãos de cerâmica. Peça com sinais de erosão. Decoração finamente executada segundo a técnica do linear-pontilhado. Diâmetro de bordo: 24 cm; esp. média: 0.6 cm. Inv.: M.F.S. 1 (Fig. 3:8).

- Fragmento de caçoila, com bordo simples e lábio biselado. Superfície externa, bastante erodida, com vestígios de alisamento, de cor laranja. Superfície interna polida, de cor laranja. A pasta é de cor laranja com núcleo negro, com abundantes e.n.p. e bastante grosseira. Decoração incisa. Diâmetro de bordo: 28 cm; esp. média: 0.8 cm. Inv.: M.F.S. 179 (Fig. 3:9).

Vasos (campaniforme internacional)

- Fragmento de vaso. Bordo com lábio ligeiramente afilado. Superfícies bastante erodidas, bem alisadas, com fino engobe de cor castanha. A pasta de cor vermelha e cinza no núcleo é bem depurada, com os e.n.p. pouco visíveis. Decoração incisa. Diâmetro de bordo: 11 cm; esp. média: 0.4 cm. Inv.: M.F.S. 55 (Fig. 3:10).

- Fragmento de vaso. Superfície externa castanha escura, com algumas manchas avermelhadas, bem alisada. Superfície interna polida, de cor negra. A pasta de cor negra revela abundantes e.n.p. de calibre muito fino (quartzo e mica). Decoração segundo o estilo internacional (*All Over Ornamented*), elaborada com a técnica linear-pontilhada e pontilhada. Espessura do bojo: 0.8 cm. Inv.: M.F.S. 56 (Fig. 3:11).

Indeterminados

- Fragmento de forma indeterminada (vaso?). Superfície externa de cor negra, bem alisada (polimento?). Superfície interna erodida, com vestígios de polimento. A pasta é de tonalidade cinzenta muito escura, bem depurada. Decoração incisa com motivos decorativos, afim do estilo internacional. Espessura do bojo: 0.7 cm. Inv.: M.F.S. 183 (Fig. 3:12).

- Fragmento de fundo com ônfalo (taça). Superfícies de tonalidade pouco homogênea, oscilando entre o castanho e castanho alaranjado. Apenas a superfície interna apresenta polimento. A pasta é de cor castanha escura, com abundantes e.n.p. de grão muito grosseiro (quartzo). Decoração pontilhada executada através de matriz (pente). Esp. média: 0.8 cm. Inv.: M.F.S. 2 (Fig. 3:13).

- Fragmento de forma indeterminada (caçoila?). Superfície externa, erodida, avermelhada, com engobe de cor castanha. Superfície interna, polida, com engobe castanho muito escuro. A pasta varia entre o castanho amarelado e o cinzento-escuro, com e.n.p. abundantes e de grão grosseiro. Apresenta um “gato” no canto inferior direito. Decoração incisa. Espessura do bojo: 1.0 cm. Inv.: M.F.S. 4 (Fig. 3:14).

- Fragmento de forma indeterminada. Superfícies de cor negra, com polimento. A pasta é da mesma cor, bem depurada, com e.n.p. de calibre muito fino a fino (quartzo e mica). Decoração pontilhada. Espessura do bojo: 0.6 cm. Inv.: M.F.S. 50 (Fig. 3:15).

- Fragmento de forma indeterminada, bastante erodido. Superfícies de cor castanha alaranjada, com engobe castanho, apresentando vestígios de polimento. A pasta é castanha alaranjada, com e.n.p. de grão muito grosseiro. Decoração com recurso a impressão através de matriz (pente). Espessura do bojo: 1.0 cm. Inv.: M.F.S. 40.

- Fragmento de forma indeterminada (taça?). Superfície externa de cor castanha avermelhada, com engobe castanho claro. Superfície interna com engobe castanho avermelhado. Ambas as superfícies estão polidas. A pasta é bem depurada, de tonalidade cinzenta escura, com e.n.p. pouco visíveis. Decoração pontilhada (muito erodida). Espessura do bojo: 0.6 cm. Inv.: M.F.S. 184.

Cerâmica industrial

Dois fragmentos de cadinho de fundição, sem bordo, com superfícies e pastas cinzento claro. As superfícies internas têm um aspecto esponjoso, com resíduos de metal. Apresentam profusa decoração incisa na superfície externa. Espessura dos bojos: 1.1 cm; 1.2 cm. Inv.: M.F.S. 35 / M.F.S. 63 (Figs. 3:16 e 4).

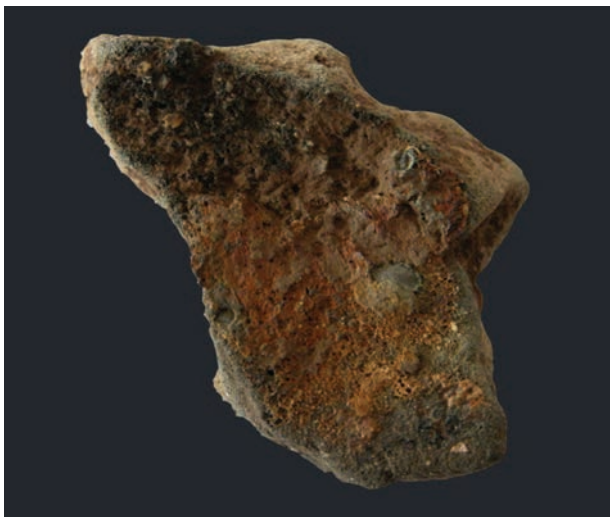


Fig. 4 - Resíduos de metal no interior do cadinho de fundição.

Outros artefactos

Fragmento de placa de xisto decorada

A sua presença em contextos habitacionais não é frequente, o que aliado ao facto deste fragmento estar gravado nas duas superfícies, com uma grande diferenciação na técnica de incisão, sugere que o reverso possa ter sido utilizado como possível rascunho ou tábua de ensaio, provavelmente numa fase de desuso da peça, denunciando

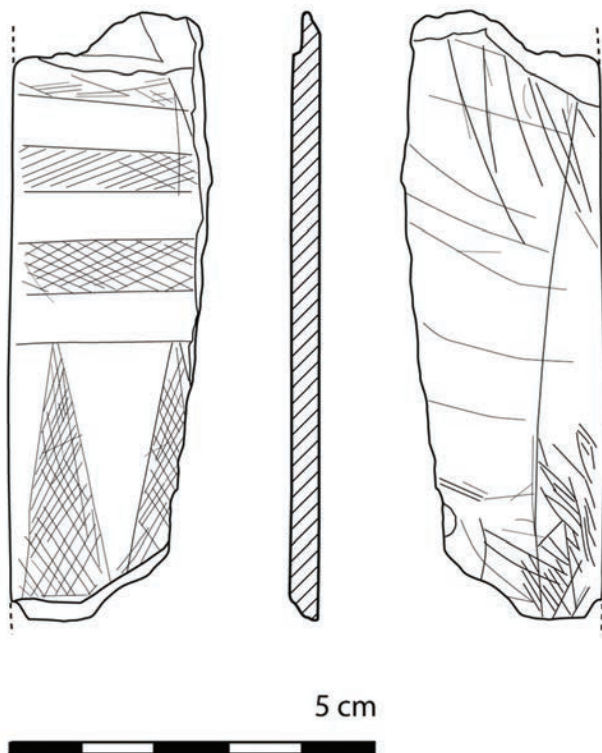


Fig. 5 - Desenho de fragmento de placa de xisto, de Sara Almeida.

o que V. Gonçalves apelida como “síndrome das placas loucas” (Gonçalves, 2003). Os motivos decorativos do anverso conjugam as linhas horizontais paralelas preenchidas por oblíquas intersecantes, as linhas horizontais paralelas simples e os triângulos preenchidos igualmente, por traços oblíquos intersecantes, enquanto que no reverso se confundem diversos traços e linhas sem aparente simetria. Espessura: 0.5 cm; comprimento: 8.1 cm; largura: 2.2 cm. Inv.: M.F.S. 21 (Fig. 5).

Elemento “corniforme”

O aparecimento dos chamados “ídolos de cornos” na Estremadura durante a transição do Neolítico Final para o Calcolítico, pouco tem contribuído para uma melhor compreensão da *Revolução dos Produtos Secundários* na região, indiciando apenas um possível acréscimo da importância da domesticação da espécie bovina e da sua utilização na agricultura (força motriz). A funcionalidade deste tipo de artefactos tem originado diferentes opiniões, com alguns investigadores, como João Luís Cardoso, a defenderem que se trata apenas de suportes de lareira, apoiados na sua recolha maioritária junto a estruturas de combustão e apresentando frequentemente marcas de fogo nas suas superfícies (Cardoso, 2003). Contudo julgamos que muito há ainda a dizer em relação ao carácter emblemático destas peças. Tratar-se-ão de objectos ideotécnicos ou simples objectos do quotidiano, puramente funcionais? Outra questão a considerar é o aparecimento destes exemplares em contextos do Neolítico Final (Gonçalves, Carvalho e Pombal, 2003). O exemplar que apresentamos é um corniforme simples, com corpo arqueado. As superfícies denunciam vestígios de alteração térmica. Diâmetro da base: 9.0 cm; altura: 7.6 cm. Inv.: M.F.S. 5 (Fig. 6).

Elemento cerâmico zoomórfico

Fragmento de elemento zoomórfico em cerâmica manual, com pastas vermelhas, abundantes e.n.p. (quartzo e mica), de tendência cilíndrica, com espessamento intencional na base, estilizando o que parece ser um membro inferior de animal (pata). As superfícies e a base apresentam vestígios de alisamento. Embora incompleto este artefacto apresenta similitudes com a emblemática estatueta zoomorfa de Leceia (Cardoso, 1997). Diâmetro da base: 5.0 cm; altura: 6.1 cm. Inv.: M.F.S. 6 (Figs. 7A-B).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cerâmica campaniforme do povoado do Moinho da Fonte do Sol individualizam-se as taças de bordo espessado, com lábio aplanado decorado e pastas grosseiras, como forma predominante.



Fig. 6 - Elemento “corniforme”. Figs. 7A-B - Aspectos de elemento zoomórfico.

Fig. 8 - Peça zoomórfica, em terracota, de Leceia (Cardoso, 1997).

Tipologicamente, no conjunto das cerâmicas recolhidas, dominam os recipientes abertos, sendo mais esporádicas as formas fechadas, representadas pelas caçoilas e vasos. A técnica de decoração mais usual, neste caso, é a linear-pontilhada, sendo maioritariamente executada pela impressão de uma matriz com dentes ora rectangulares ora circulares.

Do ponto de vista tecnológico, as cerâmicas são produzidas manualmente, com cozeduras irregulares e em ambientes redutores, embora existam registos de cozedura oxidante. As espessuras são irregulares, resultado da sua produção manual. Embora a maioria das superfícies se revele erodida, algumas ainda apresentam sinais de um tratamento cuidado, utilizando diferentes técnicas de tratamento (alisamento, polimento). O facto de a maioria das pastas se revelar bastante grosseira poderá sugerir o recurso a produções locais.

O estilo afim do *internacional* também se encontra representado em alguns dos fragmentos cerâmicos, onde predominam as pastas finas, com decoração incisa, linear-pontilhada e pontilhada, revelando fabrico mais cuidado, geralmente com superfícies polidas. A fase mais avançada do Horizonte Campaniforme, identificada no povoado, corresponde a uma evolução do *Grupo Palmela*, com a opção da técnica decorativa da incisão, onde as matrizes decorativas revelam um maior barroquismo, sendo mais frequentes, as séries de xadrez e as métopas, com a decoração a expandir-se tendencialmente também para o fundo dos recipientes.

A identificação de exemplares de vasos com protuberância mamilar, de um fragmento de bordo denteado (Soares *et al*, 1972) e de um fragmento de placa de xisto, associados ao “ídolo de cornos” e ao

elemento zoomorfo, constituem um forte indício para que o povoado tenha sofrido uma ocupação anterior ao Calcolítico. A ausência de outros materiais indicadores de cronologia, como por exemplo, as cerâmicas de tipo “*folha de acácia*” poderá não ser significativa se considerarmos que os materiais existentes foram recolhidos apenas à superfície.

Os povoados de altura identificados no concelho de Palmela revelam-nos uma predominância de artefactos que denunciam uma intensa actividade agro-pastoril e uma incipiente actividade metalúrgica, bem representada no Moinho da Fonte do Sol, como nos indica a dispersão de cadinhos ainda com resíduos de cobre e fragmentos de minério de cobre.

A presença de alguns utensílios manufacturados com matérias-primas exógenas a esta região, como por exemplo o cobre, ajudam a compreender a dinâmica do sistema de trocas, através de redes regionais de exportação e importação de produtos, onde o povoado do Moinho da Fonte do Sol estaria seguramente inserido, assumindo pela sua cultura material e características geoestratégicas, um papel de destaque na compreensão do povoamento Calcolítico desta região.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. (1996) - Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 91-106.

CARDOSO, J.L. (1997) - *O Povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Catálogo da Exposição. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (2000) - Na Arrábida, do Neolítico Antigo ao Bronze Final. *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida. Trabalhos de Arqueologia*, 14, Lisboa: IPA, p. 45-70.

CARDOSO, J. L. (2003) - A Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 11, p. 229-321.

CARDOSO, J. L. (2003) - Ainda sobre os impropriamente chamados “Ídolos de Cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-madan*, 2ª Série, n.º 12, p. 77-79.

COSTA, A. I. MARQUES DA (1906) - Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Archeólogo Português*, XI.

GONÇALVES, V. S. (2003) - Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente peninsular: 4. A “síndrome das placas loucas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:1, p 131-157.

GONÇALVES, V. S.; CARVALHO, A.; POMBAL, S. (2003) - A ocupação pré-histórica da Quinta das Longas

(S. Vicente e Ventosa, Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6:2, p. 109-142.

KUNST, M. (1994) - Cerâmica do Zambujal. Novos resultados para a cronologia da cerâmica calcolítica. In KUNST, M. (coord.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Lisboa, 1994). Trabalhos de Arqueologia*, 7, Lisboa: IPPAR, p. 21-29.

SOARES, J. (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1974-77) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Archeólogo Português*, 3ª S., 7-9, p. 101-112.

SOARES, J.; BARBIERI, N.; TAVARES DA SILVA, C. (1972) - Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo-Palmela). *Arqueologia e História*, 9:4, p. 235-268.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: S.N.P.R.C.N.